

**“Livrai-nos do mal”:  
o problema do mal segundo Santo Agostinho**

NUNES, R. O. <sup>1</sup>, SILVA, R. DA S. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Charqueadas – RS – Brasil

<sup>2</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Charqueadas – RS – Brasil

**RESUMO**

Trata-se de uma pesquisa que visa estudar a simultânea existência do mal e Deus. Este problema tem como características principais as seguintes questões: Se Deus é totalmente bom, onipotente e onisciente, porque Ele permite que coisas ruins aconteçam a pessoas boas? Iremos categorizar o mal como o não ser, já o bem, como o Ser. O mal é o nosso distanciamento de Deus. Santo Agostinho categoriza o mal em três formas: ontológico, físico e moral, onde respectivamente representam o ser enquanto ser, a moralidade e o sofrimento no mundo. Entretanto, Santo Agostinho somente admite a existência de um, o moral. Espera-se clarificar o conceito de bem e mal que influenciam muito a cultura cristã, que por sua vez é uma das principais visões de mundo ainda hoje. Assim como aprofundar o conhecimento sobre Agostinho e alguns aspectos da filosofia medieval. Pretendemos quebrar preconceitos que geralmente temos a respeito da filosofia e outras áreas com o cristianismo. Gerar um diálogo dentro da filosofia e com outras religiões. O aspecto fundamental que temos em Agostinho é a conciliação entre a fé e razão. A metodologia consiste em pesquisas bibliográficas, leituras e fichamentos de textos clássicos do autor e de alguns comentadores. Iremos modelar um site onde serão depositados textos voltados ao ensino deste filósofo. Os resultados esperados são: o site mencionado anteriormente, a quebra da intolerância religiosa e uma introdução ao público leigo sobre Agostinho e suas teorias filosóficas.

**Palavras-chaves:** Mal. Vontade. Razão. Deus. Liberdade.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscará trazer uma maior compreensão a respeito da filosofia de Santo Agostinho.

Durante sua vida sempre esteve em busca da verdade, e por consequência, passou por várias crenças e doutrinas, tal qual: o maniqueísmo, o ceticismo e o cristianismo.

O maniqueísmo representa uma crença dualista, de um deus bom e de um deus mal. Ceticismo nos mostra a falta de crença, ou melhor dizendo, a descrença que podemos chegar a verdade. O cristianismo acredita na revelação de Deus e que podemos chegar à parte dela por meio da razão. Embora Agostinho tenha mostrado grande afeição pelo maniqueísmo, no período em que o praticava, jamais se iniciou, ficando no nível mais baixo da hierarquia.

Todas as questões, referentes ao mal e Deus, atormentaram Agostinho desde muito jovem, sendo um dos principais motivos para sua entrada ao maniqueísmo. No entanto, Agostinho conhece o bispo Ambrósio, que foi uma das principais pessoas para sua conversão mostrando que é possível conciliar a fé e a razão, apresentando o filósofo Plotino.

A filosofia plotiniana foi um dos principais agentes para o desenvolvimento da teoria que solucionaria, segundo Agostinho, o problema do mal. Agostinho utiliza o conceito de ser, não ser e de substância espiritual para formular sua argumentação.

Antes de limitar-nos a pergunta "Por que Deus permite o mal se Ele é bom?" Para intencional uma argumentação onde defenda que Ele seja mal ou de que não exista, temos de expandi-la para retirar o vício (previamente direcionado à uma resposta pronta). Podemos ampliar o espectro da pergunta com: "Se Deus é bom, por que permite o mal? Então Ele é sádico e mau também..., mas, se Deus é mal por que Deus permite o mal?".

Temos uma grande diferença quando retiramos a limitação viciante da questão sobre o mal. Só com essa ponderação adicional já percebemos o seguinte: levantar a questão sobre o mal relacionado à existência e bondade de Deus não é errada, contudo a premissa está colocada de uma forma errada. A pergunta errada causa uma resposta errada. Alguém que questione sobre o mal, reconhece seu antagonismo ao bem. Portanto, tacitamente reconhece que há um princípio contrário que é a diferença nessa equação filosófica.

Porém limitar a análise da pergunta somente ao mal não dimensiona a questão de forma honesta. Ela exclui a possibilidade do bem, ou pelo menos, na melhor das hipóteses, ignora-a. Porém, segundo santo Agostinho, sabendo que não há dualidade maniqueísta e igualitária entre o bem e o mal, e o que concerne a Deus nessa relação moral-teológica-filosófica, deve se adicioná-la como um termo desviciante e contra polarizador do questionamento.

Querer levantar o questionamento sobre o mal, olhando somente para o mal não ajuda na elaboração de uma resposta assertiva. A formulação do questionamento é monopolizada pelo ponto do "mal" e isso deixa o questionamento fraco. A questão do mal é uma moeda, portanto, contém duas faces:

Face 1: prove que Deus é bom, mesmo existindo o mal, a dor, o sofrimento, a doença, as necessidades e por excelência, a morte.

Face 2: prove que Deus é mal mesmo existindo o bem, o alívio, a caridade, o amor. A gratuidade, a generosidade, e, por excelência e para além da morte, fé e esperança.

Então em relação ao levantamento da questão sobre o mal, temos que: ele é válido; é de legítima relevância para a filosofia, a Fé e para o conhecimento de Deus.

Porém não podemos limitar a questão do mal somente olhando para o mal, ignorando tudo aquilo que não é ele. Também temos que ter bem próximos de nós as noções filosóficas de ser enquanto existência e de não ser enquanto ausência do ser, ou, o não-existir do ser.

Agostinho o divide em três formas distintas, ontológico, moral e físico. Onde o ontológico busca o mal na essência do ser, o moral referente a nossa liberdade e paixões, e por fim, o físico que está em nosso sofrimento, fome, dor e morte.

## **2 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)**

Primeiramente fizemos um levantamento bibliográfico sobre o tema por meio de dicionários e revistas de filosofia, livros didáticos de filosofia, leituras e fichamentos de textos clássicos do autor e vários comentadores em Agostinho. Por intermédio destes meios tivemos uma compreensão mais ampla sobre a filosofia e as influências do pensamento agostiniano.

Os principais livros de Agostinho que utilizamos para o desenvolvimento desta pesquisa foram: Confissões, O Livre Arbítrio e A Cidade de Deus. Mesmo que tenhamos utilizado outros livros do autor percebemos que nos que foram citados acima, tivemos uma maior facilidade de compreensão a respeito de nosso tema central.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O filósofo nos coloca a pensar porque praticamos más ações, sendo que fomos criados por Deus que é um ser benevolente. Podemos assumir que Deus não é o autor do mal moral, entretanto as más ações procedem de Suas criaturas, ou seja, a existência do mal deve ser atribuída à nós mesmos, não à Deus. Segundo Agostinho, a partir do momento de nossa criação, recebemos um bem médio chamado livre arbítrio que por meio dele, temos a possibilidade de nos afastar de Deus através de escolhas livres. Agostinho mostra que o problema ou a origem do mal não está em Deus que, segundo ele, é bom e justo, mas no homem com seu livre arbítrio e suas escolhas. A principal pauta do problema do mal é o dilema de que como podemos conciliar a bondade divina com a maldade do mundo.

### **4 CONCLUSÃO**

Em suma, percebemos que mesmo havendo pontos em que a fé não pode ser explicada pela razão, por conta dos mistérios, há outros que somos capazes de atingir e chegar neles somente pelo uso da lógica. Além disso, compreendemos a visível importância da filosofia antiga dentro da formulação do pensamento de Agostinho, e desta forma, vemos a flexibilidade de seu pensamento, tendo como fonte de estudo pensadores religiosos e não religiosos, utilizando o essencial de cada um, para que enfim, pudesse ser formada toda sua teoria.

Por conseguinte, alcançamos a ideia de que vários pensamentos, tanto religiosos ou não religiosos, podem ser utilizados para a concepção de teses e hipóteses, sem que tenham algum tipo de alienação, mas longe disso, teremos um pensamento rico em questionamentos e opiniões formadas a partir de várias fontes e não algo que foi somente absorvido sem que tenham ocorrido reflexões e outros métodos para que haja a real busca da verdade.

## 5 REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo Bispo de Hipona. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- AGOSTINHO, A. **O Livre-arbítrio**. Tradução e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**. R. Jorge Zahar, 2006.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 Lições Sobre SANTO AGOSTINHO**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_.(1998a). **Solilóquios; A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 157 p. [Coleção Patrística, n. 11 – Trad. de Adayri Fiorotti e Nair de Assis Oliveira]
- . \_\_\_\_\_.(1994). **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 726 p. [Coleção Patrística, n. 7 – Trad. e notas Agostinho Belmont].
- \_\_\_\_\_.(1991). **A Cidade de Deus: contra os pagãos**. 3. ed. Petrópolis – São Paulo: Vozes/Federação Agostiniana Brasileira [vol. I, 414 p.; vol. II, 589 p. / Trad. de Oscar Paes Leme].
- \_\_\_\_\_.(2005a). **A natureza do Bem**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 81 p. [Ed. bilíngue – Trad. de Carlos Ansêde Noguê].
- BOEHNER, P. & GILSON, É. (1982). **História da filosofia cristã: desde a origem até Nicolau de Cusa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 582 p. [Trad. de Raimundo Vier].
- A BÍBLIA**. Tradução de L. Garmus. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- COPLESTON, F. (1983). “**San Agustín**”. **Historia de la filosofia II: de San Agustín a Escoto**. Barcelona: Ariel. [Trad. de Emérico da Gama].
- JOLIVET, R. (1932). **San Agustín y el neoplatonismo cristiano**. Buenos Aires: Cepa, 219 p. [Trad. de G. Blanco et al]. RUBIO, P. (1995). **Toma e lê! – Síntese agostiniana**. São Paulo: Loyola, 399 p.